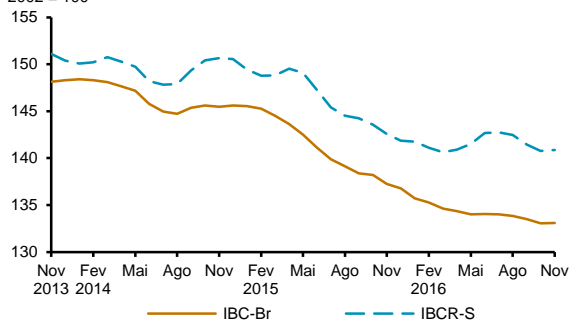


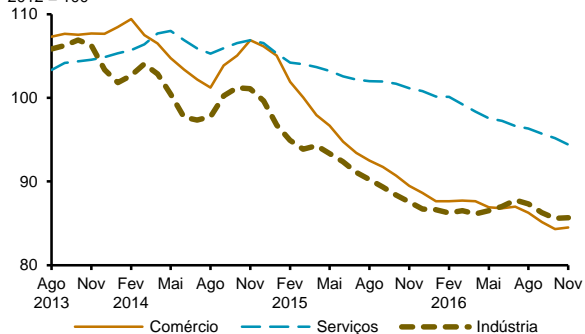
**Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul**

Dados dessazonalizados - Média móvel trimestral  
2012 = 100



**Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria - Sul**

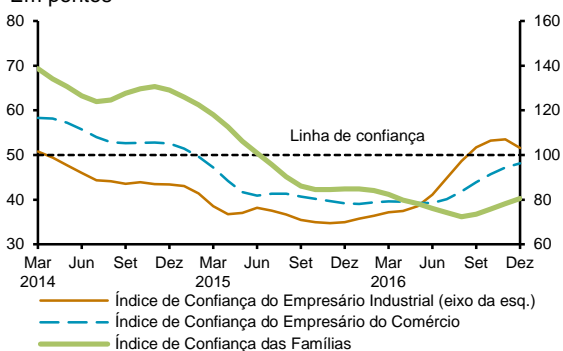
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2012 = 100



Fonte: IBGE

**Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul**

Em pontos



Fontes: CNI e CNC

A trajetória recente dos indicadores do Sul sugere que a retomada da economia será mais lenta do que a projetada previamente, em cenário de interrupção do processo de recuperação em segmentos importantes da cadeia produtiva da região. Considerado o trimestre encerrado em novembro, houve reversão nos indicadores de crescimento da indústria e aprofundamento nos recuos do volume de serviços e do comércio. Ressalte-se que se manteve a melhora dos níveis de confiança dos agentes, em ambiente de alguma estabilização no mercado de trabalho e reação do mercado de crédito, impactado pela sazonalidade do período. Nesse contexto, o IBCR-S registrou, na margem, variações respectivas de -1,1% e 0,7% nos trimestres encerrados em novembro e agosto conforme estatísticas dessazonalizadas. Considerados períodos de doze meses, o indicador recuou 3,0% em novembro e 4,0% em agosto.

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado recuaram, na margem, 2,0% no trimestre encerrado em novembro, ante -0,8% no finalizado em agosto, destacando-se o desempenho negativo no segmento de veículos, impactado, em especial, pelas condições, ainda restritivas, do mercado de crédito. Excluídas as vendas de veículos e de material de construção, o comércio varejista contraiu 0,4% no trimestre. O Indicador de Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborado pela CNC, aumentou 7,1 pontos, para 80,5 pontos, no quarto trimestre de 2016, sugerindo melhora nas perspectivas de consumo.

A despeito do desempenho das vendas, a confiança dos empresários do comércio mostrou importante reação. O Icec, calculado pela CNC, atingiu 96,2 pontos no quarto trimestre do ano (100 pontos indicam neutralidade), com aumentos respectivos de 8,5 pontos e 17,8 pontos em relação ao período anterior e ao último trimestre de 2015. Destaque-se as expectativas positivas relativamente à contratação de funcionários, após seis trimestres de avaliação negativa nesse componente.

A evolução recente do setor de serviços também evidencia a fragilidade do consumo e a inflexão no processo de retomada da atividade. O volume de serviços não financeiros prestados no Sul diminuiu 2,0% no trimestre encerrado em novembro, após contração de 1,3% no trimestre anterior, desempenho inferior ao observado em nível nacional.

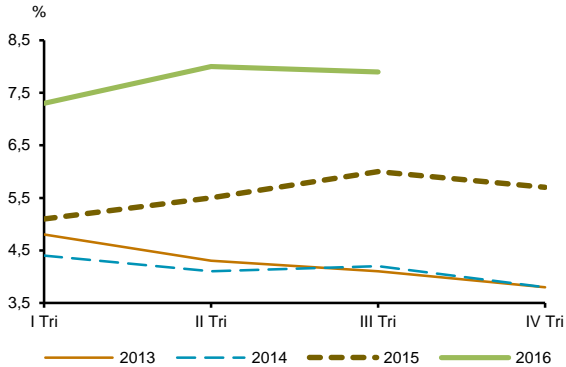
As perspectivas em relação às trajetórias das contratações do comércio e do consumo das famílias refletem, em parte, a evolução recente do mercado de trabalho. Nesse sentido, de acordo com o Caged/MT, foram eliminados 2,9 mil empregos formais na região no trimestre encerrado em novembro (58,9 mil em igual período de 2015) e a retração no nível de emprego formal atingiu 0,4%, ante 0,6% no trimestre finalizado em agosto, dados dessazonalizados. Nesse cenário, a taxa de desocupação, mensurada pela PNADC, atingiu 7,9% no trimestre encerrado em setembro, ante 8,0% no finalizado em junho, repercutindo reduções de 0,3% na PEA e de 0,2% na população ocupada. Apesar da menor ocupação, houve acréscimo de 2,6% na massa salarial real, compatível com a elevação de 2,8% registrada no rendimento médio habitual real.

O mercado de crédito apresentou reação na margem, com ampliação do estoque de operações e estabilidade na taxa de inadimplência. O saldo das contratações com valor superior a R\$1 mil realizadas na região somou R\$549,2 bilhões em novembro, com variações de 0,7% no trimestre e de -0,2% em doze meses.

A carteira de crédito de pessoas físicas aumentou 1,7% no trimestre, impactada pelas contratações sazonais de crédito rural e pelas modalidades outros créditos livres e cartão de crédito à vista. A carteira do segmento de pessoas jurídicas variou -0,5%, destacando-se o decréscimo no saldo das operações da indústria de transformação e o aumento das contratações do comércio. Os desembolsos com recursos do BNDES recuaram 22,0% nos onze primeiros meses do ano e 23,3% no intervalo de doze meses até novembro, em relação a iguais períodos de 2015.

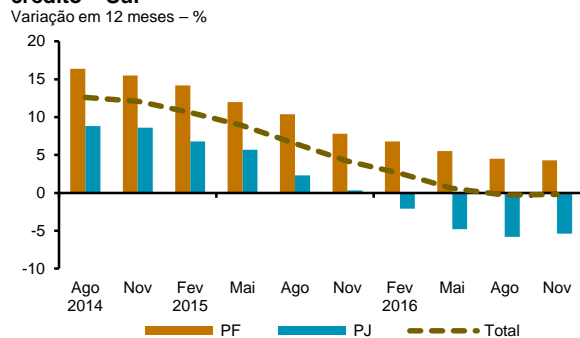
No âmbito da oferta, a produção industrial, após dois resultados favoráveis em sequência, diminuiu 1,9% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE, com destaque para o recuo na fabricação de máquinas,

**Gráfico 5.4 – Taxa de desocupação – Sul**



Fonte: IBGE (PNADC)

**Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

**Tabela 5.1 – Produção agrícola – Sul**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2016/2015
		2015	2016	
Grãos	73,1	75 794	73 032	-3,6
Soja	45,3	34 930	35 170	0,7
Milho	11,9	24 417	20 984	-14,1
Arroz (em casca)	9,3	9 925	8 662	-12,7
Trigo	3,6	4 854	6 141	26,5
Feijão	2,5	960	811	-15,5
Outras lavouras				
Fumo	7,8	850	668	-21,4
Cana-de-açúcar	3,7	48 202	50 877	5,5
Mandioca	2,7	5 892	5 238	-11,1
Maçã	1,7	1 253	1 056	-15,7
Uva	1,5	1 014	513	-49,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2016.

**Tabela 5.2 – Exportação por fator agregado – FOB**  
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2015	2016	Var. %	Var. %
Total	40 071	39 353	-1,8	-3,1
Básicos	20 339	19 026	-6,5	-9,2
Industrializados	19 733	20 327	3,0	2,7
Semimanufaturados	3 242	3 778	16,6	5,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	16 491	16 549	0,4	1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.3 – Importação por grandes categorias econômicas - FOB**

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2015	2016	Var. %	Var. %
Total	35 084	29 774	-15,1	-19,8
Bens de capital	5 232	3 764	-28,1	-16,2
Bens Intermediários	21 346	18 880	-11,6	-17,0
Bens de consumo	5 839	4 966	-15,0	-16,2
Duráveis	1 782	1 422	-20,2	-17,8
Automóveis de passageiros	1 227	1 003	-18,3	-26,0
Semiduráveis e não duráveis	4 058	3 544	-12,7	-14,0
Combustíveis e lubrificantes	2 667	2 164	-18,9	-42,6
Petróleo	2 298	1 104	-52,0	-60,7
Demais	369	1 060	187,3	-31,6
Bens não especificados	0	0	-	-19,1

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida <sup>2/</sup>
		2015	Outros <sup>4/</sup>			
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Set	
Total	100 214	- 829	8 661	7 832	-2 413	105 632
Gov. estaduais	99 952	- 512	8 586	8 074	-2 422	105 603
Capitais	1 518	- 301	52	- 249	157	1 427
Demais municípios	-1 256	- 16	23	7	- 148	-1 398

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

aparelhos e materiais elétricos. As expectativas dos empresários do Sul mantiveram-se otimistas no quarto trimestre – o Icel atingiu 51,6 pontos no período, ante 51,7 pontos no trimestre anterior (o indicador varia de 0 a 100).

A safra de grãos da região – que totalizou 73 milhões de toneladas em 2016, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE (39,7% da produção nacional), recuando 3,6% no ano – deverá aumentar 5,8% em 2017, de acordo com o terceiro prognóstico do IBGE. A respeito da produção pecuária, os abates de aves e suínos, criações mais relevantes para a economia regional, aumentaram 3,2% e 5,7%, na ordem, nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2015, segundo dados do Mapa para estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF).

A retração da atividade econômica impactou o desempenho da balança comercial do Sul, que registrou *superavit* de US\$9,6 bilhões em 2016, ante US\$5,0 bilhões no ano anterior. Houve reduções de 15,1% nas importações (-10,2% no *quantum* e -5,5% em preços), com ênfase nas retrações nas aquisições de combustíveis, automóveis e veículos de carga, e de 1,8% nas exportações (-6,1% nos preços e 4,6% em quantidade), destacando-se o recuo nos embarques de produtos básicos (48,3% do total).

No âmbito fiscal, o *superavit* primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sul atingiu R\$829 milhões nos nove primeiros meses do ano. O recuo de 43,9% em relação a igual período de 2015 foi condicionado, em parte, pelas reduções reais na receita de ICMS<sup>1</sup> (2,7%) e nas transferências da União (8,7%), incluídos os recursos do FPE e do FPM.

A variação do IPCA<sup>2</sup>, em trajetória declinante, atingiu 0,44% no último trimestre de 2016, ante 0,82% no terceiro trimestre. Os preços monitorados recuaram 0,60% (energia elétrica residencial, -7,39%) e os preços livres, favorecidos pelas altas menos intensas nos preços dos alimentos, variaram 0,03% (0,17% no trimestre anterior). A inflação de serviços acelerou no trimestre, acompanhando a evolução da inflação subjacente do setor. O índice de difusão atingiu 53,8%, ante 54,6% no

1/ Considerado o IGP-DI como deflator.

2/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

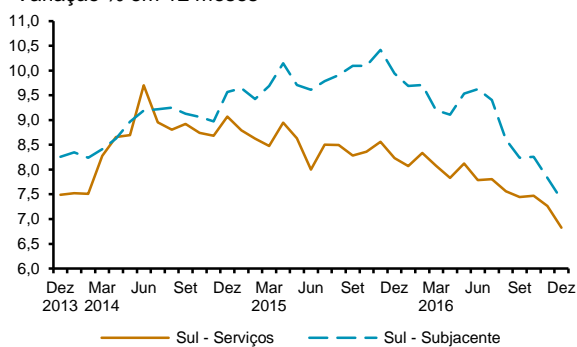
**Tabela 5.5 – IPCA – Sul**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2015	2016		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	11,87	0,82	0,44	5,74
Livres	76,4	9,58	0,93	0,76	6,44
Comercializáveis	37,1	10,24	0,77	0,26	6,32
Não comercializáveis	39,3	8,97	1,08	1,24	6,56
Monitorados	23,6	19,80	0,47	-0,60	3,52
Principais itens					
Alimentação	25,9	13,83	0,64	0,13	8,29
Habitação	15,5	20,78	0,17	-1,30	0,06
Artigos de residência	4,4	7,94	0,04	-0,24	2,58
Vestuário	6,6	6,00	0,23	1,24	4,72
Transportes	18,5	10,92	1,63	1,03	4,81
Saúde	11,4	9,60	0,80	1,23	9,57
Despesas pessoais	10,2	9,27	1,22	1,87	7,50
Educação	4,0	8,90	2,25	0,15	10,44
Comunicação	3,5	2,03	0,21	0,14	1,82

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2016

**Gráfico 5.6 - Inflação de Serviços - Sul**  
Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE

trimestre anterior e 65,5% em igual período do ano anterior.

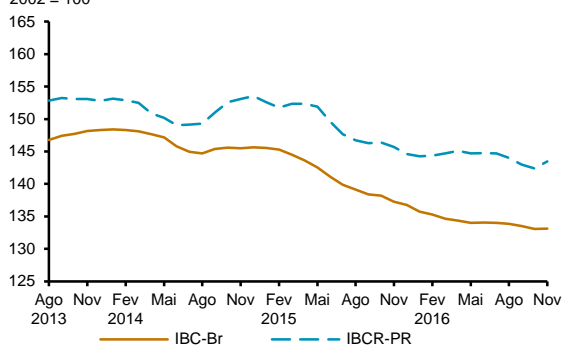
O IPCA da região variou 5,74% em 2016, ante 11,87% em 2015, evolução decorrente de desacelerações dos preços monitorados, de 19,80% para 3,52%, com ênfase no recuo do preço da energia elétrica residencial, e dos preços livres, de 9,58% para 6,44%, influenciada por retrações de preços nos itens tubérculos e automóvel usado. A inflação anual do setor de serviços desacelerou, de 8,23% para 6,83%, e a respectiva inflação subjacente, de 9,94% para 7,39%.

Em linhas gerais, projeta-se retomada gradual da atividade econômica no Sul no decorrer de 2017, com manutenção do processo de distensão no mercado de trabalho nos primeiros meses do ano. A continuidade da reação do mercado de crédito, que deverá ser favorecida pelo ajuste da política monetária em curso, é condição importante para a recuperação do nível de atividade, em especial do setor industrial e do comércio de bens semiduráveis e duráveis. Ressalte-se, ainda, as perspectivas favoráveis associadas à projeção de aumento da produção agrícola em 2017, setor que constitui importante vetor de dinamização da economia regional.

## 5.1 – Paraná

**Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná**

Média móvel trimestral - dados dessazonalizados  
2002 = 100



**Tabela 5.1.1 – Índice de vendas no varejo – Paraná**

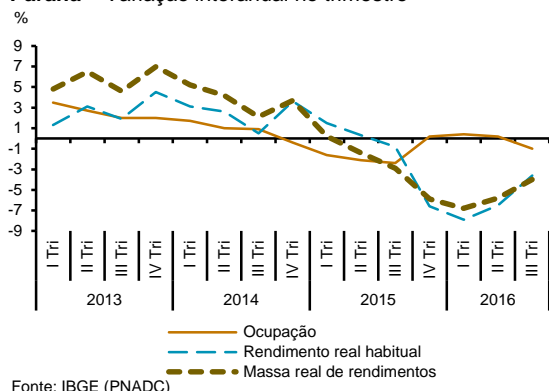
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2015	2016		
	Ano	Ago <sup>1/</sup>	Nov <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	-3,2	-0,4	-0,6	-6,1
Combustíveis e lubrificantes	-3,2	0,6	-2,9	-10,2
Hiper e supermercados	-1,2	0,1	0,9	-2,1
Tecidos, vestuário e calçados	-9,9	0,9	-5,0	-7,9
Móveis e eletrodomésticos	-11,6	-3,7	-2,5	-13,1
Comércio ampliado	-9,4	-1,1	-2,0	-7,3
Automóveis e motocicletas	-19,7	-1,7	-4,4	-8,0
Material de construção	-8,7	-1,7	-2,8	-10,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.1.2 – Ocupação, rendimento e massa no Paraná – Variação interanual no trimestre**



Fonte: IBGE (PNADC)

O PIB estadual recuou 3,1% no terceiro trimestre e 3,0% nos três primeiros trimestres de 2016, em relação a iguais intervalos de 2015, de acordo com o Iparde, com destaque para as retrações na produção industrial, especialmente no setor automotivo, e na agropecuária, afetada pela estiagem. Estatísticas mais recentes indicam declínio da atividade econômica na margem – o IBCR-PR recuou 0,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando decrescera 0,5%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o indicador diminuiu 3,1% em novembro (-4,0% em agosto).

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado recuaram 2,0% no trimestre até novembro, comparativamente ao finalizado em agosto, quando haviam diminuído 1,1%, segundo dados dessazonalizados da PMC. Excluídos os segmentos veículos, motos, partes e peças, e material de construção, as vendas do comércio varejista decresceram, na ordem, 0,6% e 0,4% nos períodos mencionados.

O volume de serviços não financeiros manteve-se em retração no trimestre encerrado em novembro, quando recuou 2,8%, de acordo com dados dessazonalizados da PMS (serviços de informação, -5,5%; transporte, -3,3%).

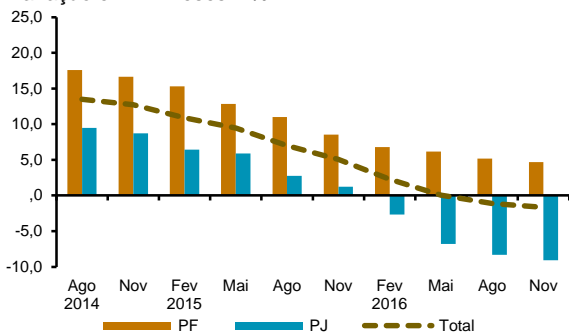
Apesar destes resultados, a confiança das famílias, avaliada pelo ICF em Curitiba, continuou em elevação em dezembro, mas permanece na zona de incerteza, o que sinaliza percepção de insegurança em termos de emprego, renda e capacidade de consumo. O percentual de famílias endividadas<sup>3</sup> diminuiu na margem, atingindo 87,1% em dezembro (89,1% em setembro).

A evolução da demanda reflete, parcialmente, a distensão do mercado de trabalho no estado. Nesse contexto, a taxa de desocupação atingiu 8,5% no terceiro trimestre do ano (6,1% no anterior), enquanto o rendimento médio habitual real e a massa salarial real recuaram 3,6% e 4,0%, respectivamente, nesta mesma base de comparação, de acordo com a PNADC. Adicionalmente, a economia paranaense eliminou

3/ São consideradas na pesquisa as dívidas contraídas por meio de cheques pré-datados, cartões de crédito, carnês de lojas, empréstimo pessoal, aquisições imobiliárias, prestações de automóveis e contratação de seguros.

**Gráfico 5.1.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>**

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 5.1.2 – Produção industrial – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2016		
		Ago <sup>2/</sup>	Nov <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	2,2	-1,5	-5,9
Produtos alimentícios	22,7	-3,4	3,4	4,0
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	-10,7	-1,0	-12,6
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	-0,3	-0,9	-12,7
Máquinas e equipamentos	6,7	31,7	3,5	-3,8
Celulose e prod. papel	5,5	5,6	-5,2	0,6
Outros produtos químicos	4,7	11,3	-5,5	-11,7

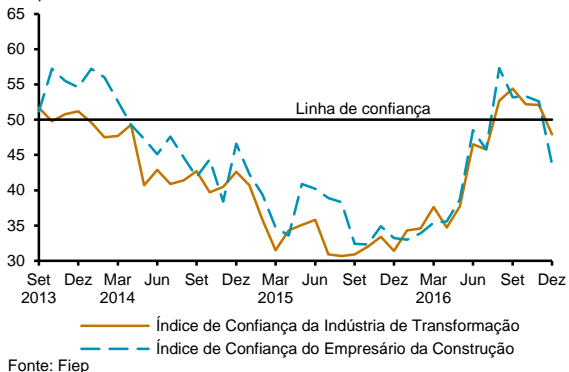
Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.1.4 – Confiança do empresariado – Paraná**

Em pontos



Fonte: Fiep

7,4 mil postos de trabalho formais no trimestre encerrado em novembro, ante 24,7 mil em igual período de 2015 (Caged/MT).

O ritmo da atividade econômica segue impactado pelo reduzido dinamismo do mercado de crédito. O saldo das operações superiores a R\$1 mil realizadas no estado aumentou 0,3% no trimestre, destacando-se as contratações envolvendo recursos direcionados. A carteira de pessoas físicas variou 1,5% no período, destacando-se as modalidades cartão de crédito à vista e crédito consignado, e a carteira de pessoas jurídicas retraiu 1,2%, condicionada pelo desempenho negativo das modalidades financiamento à exportação e cheque especial/conta garantida. A taxa de inadimplência aumentou 0,05 p.p., para 3,11%, no trimestre, destacando-se a elevação de 0,16 p.p. no segmento de pessoas jurídicas.

Os desembolsos do BNDES para o Paraná totalizaram R\$8,6 bilhões nos onze primeiros meses de 2016, recuando 22,8% em relação a igual período de 2015 e 20,7% no intervalo de doze meses encerrado em novembro.

No âmbito da oferta, a produção industrial do Paraná diminuiu 1,5% no trimestre encerrado em novembro, ante aumento de 2,2% no finalizado em agosto, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF. Destacaram-se as retrações nos segmentos outros produtos químicos (5,5%) e celulose (5,2%) e os aumentos nas indústrias de máquinas e equipamentos (3,5%) e de alimentos (3,4%).

O Índice de Confiança da Indústria de Transformação (ICIT-PR) e o Índice de Confiança do Empresário da Construção (ICEC-PR) registraram, na ordem, 47,9 pontos e 43,7 pontos em dezembro (54,4 pontos e 53,2 pontos, respectivamente, em setembro), retornando à área de pessimismo após quatro meses.

As vendas de caminhões e ônibus no Paraná totalizaram 1,4 mil unidades no trimestre encerrado em dezembro, retraindo 23,0% em relação a igual período de 2015, de acordo com a Fenabrave-PR e o Sincodiv-PR.

A produção agrícola, vetor relevante na cadeia produtiva do Paraná, decresceu 6,6% em 2016, de acordo com o LSPA. Repercutindo a estiagem observada no estado, houve declínios na produção

**Tabela 5.1.3 – Produção agrícola – Paraná**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas			Variação %
		Produção <sup>2/</sup>		2016/2015	
		2015	2016		
Grãos <sup>3/</sup>	76,2	37 525	35 032	-6,6	
Soja	49,1	17 229	16 824	-2,4	
Milho	16,5	15 777	13 724	-13,0	
Trigo	5,8	3 331	3 384	1,6	
Feijão	4,1	726	600	-17,4	
Outras lavouras					
Cana-de-açúcar	7,7	47 368	49 741	5,0	
Fumo	3,4	180	148	-17,6	
Batata-inglesa	2,7	844	777	-8,0	
Mandioca	2,5	4 313	3 744	-13,2	

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2016.

3/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

de todos os grãos, exceto trigo (1,6%). Projeções da Seab para as culturas de soja (11,0%), milho (32,0% na primeira safra e 32,0% na segunda) e feijão (18,0% na primeira safra e 40,0% na segunda) sugerem recuperação do setor em 2017. O valor bruto da produção (VBP) deverá manter-se estável, em termos reais<sup>4</sup>, em 2016, conforme estimativa do Mapa.

O comércio exterior contribuiu para atenuar o arrefecimento econômico na região. A balança comercial do Paraná registrou *superavit* de US\$4,08 bilhões em 2016 (US\$2,5 bilhões em 2015), reflexo de variações de 1,8% nas exportações (8,2% *no quantum* e -5,9% nos preços) e de -10,9% nas importações (-1,8% *no quantum* e -9,3% nos preços), com destaque para os aumentos nas vendas de manufaturados (veículos de carga e automóveis de passageiros) e de semimanufaturados (açúcar de cana em bruto e celulose). Houve diminuição mais intensa nas compras de bens de consumo (18,6%) e de bens de capital (23,3%). China, Argentina e EUA mantêm-se como os principais parceiros comerciais do estado, ressaltando-se os crescimentos das exportações de automóveis para a Argentina (74,7%) e de pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados, para a China (52,1%).

**Tabela 5.1.4 – IPCA – RMC**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2015	2016		Ano
		Ano	III Tri	IV Tri	
IPCA	100,0	12,57	0,48	0,28	4,45
Alimentação	24,8	13,85	0,88	-0,51	7,54
Habitação	16,6	23,25	-1,71	0,05	-2,03
Artigos de residência	4,2	8,07	-0,10	-1,12	-0,17
Vestuário	6,9	7,96	0,78	-0,12	3,43
Transportes	19,2	10,23	1,91	0,58	3,80
Saúde	11,5	10,08	-0,07	1,15	8,43
Despesas pessoais	10,0	9,99	0,79	2,02	7,07
Educação	3,4	9,89	1,79	0,14	10,17
Comunicação	3,3	2,91	0,30	0,09	1,16

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2016.

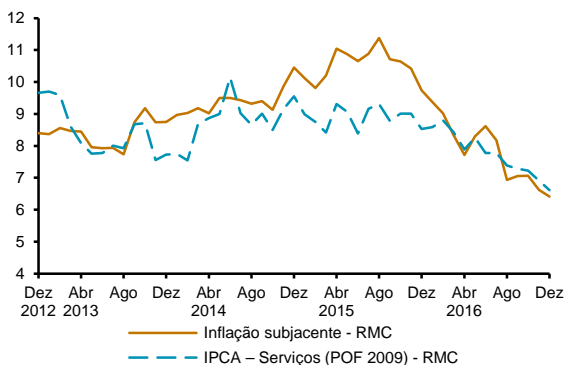
A dinâmica recente do IPCA da Região Metropolitana de Curitiba reforçou a tendência de desinflação mais difundida. O indicador variou 0,28% no quarto trimestre (0,48% no terceiro), desaceleração decorrente, em especial, do recuo na variação dos preços livres (de 0,95% para 0,39%), principalmente em decorrência da redução nos preços da alimentação. A variação dos preços monitorados passou de -1,06% para -0,09%, no período, com destaque para os recuos nos itens gasolina e tarifa de energia elétrica residencial, e para o aumento de 3,24% nos planos de saúde. O índice de difusão atingiu média de 50,3% no quarto trimestre (61,8% em igual período de 2015).

O IPCA da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) variou 4,45% em 2016, ante 12,57% em 2015. O padrão desinflacionário foi disseminado em todos os grupos, exceto educação. A inflação dos preços monitorados recuou de 22,55% para 1,30%, destacando-se os impactos da redução de 21,53% no item tarifa de energia elétrica residencial e a menor alta no preço da gasolina. A inflação dos preços livres recuou de 9,84%, em 2015, para 5,42%,

4/ Considerado o IGP-DI como deflator.

**Gráfico 5.1.5 – Inflação de serviços - RMC**

Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE e BCB

em 2016, resultado de desacelerações dos preços dos bens não comercializáveis (de 8,53% para 6,61%) e dos comercializáveis (de 11,31% para 5,24%), comportamento favorecido, em parte, pela depreciação cambial ocorrida no período. Seguindo a tendência nacional, a inflação de serviços também desacelerou (de 8,53% para 6,61%), ressaltando-se a queda dos preços no item hospitalização e cirurgia (5,07%) e a desaceleração nos itens aluguel residencial e condomínio. A dinâmica do componente subjacente de serviços reforça o quadro desinflacionário no segmento (recoo de 9,74% em 2015 para 6,41% em 2016).

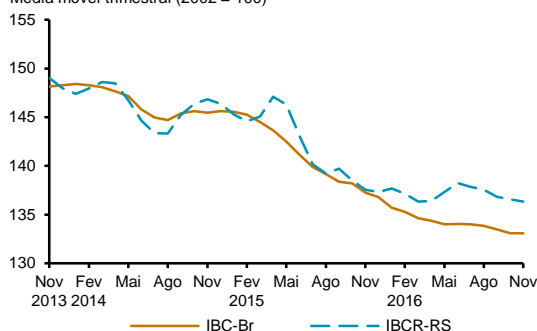
As perspectivas para a economia paranaense em 2017 são de retomada gradual da atividade, favorecida pela recuperação da produção agrícola, que exerce contribuição acentuada para a cadeia produtiva do estado. Devem ser considerados, ainda, os impactos do processo de ajuste macroeconômico em curso no país e da redução nas taxas de juros.



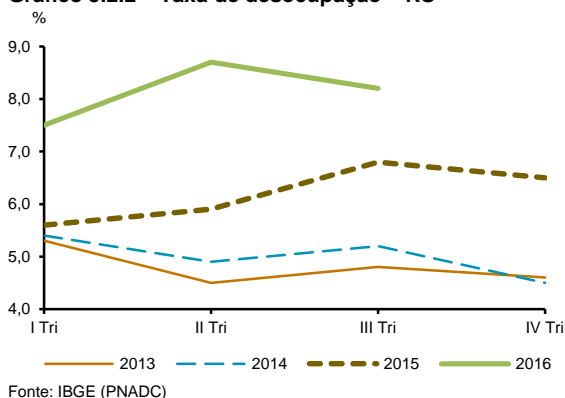
## 5.2 – Rio Grande do Sul

**Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul**

Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2002 = 100)



**Gráfico 5.2.2 – Taxa de desocupação – RS**



O PIB do estado recuou 1,7% no terceiro trimestre de 2016, em relação a igual período de 2015 (-3,1% no trimestre anterior), segundo a FEE, decorrente de retrações de 4,6% na indústria e de 1,6% nos serviços, e de crescimento de 2,1% da agropecuária, importante segmento de dinamização da economia gaúcha. Ressalte-se que o indicador registrou recuo menos intenso pelo terceiro trimestre consecutivo, nessa base de comparação. Estatísticas mais recentes indicam continuidade da tendência de declínio do nível da atividade econômica na margem – o IBCR-RS, impactado negativamente pelo desempenho do setor industrial, recuou 0,9% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia aumentado 0,2%, considerados dados dessazonalizados.

A trajetória dos indicadores de demanda segue repercutindo os desempenhos modestos, mesmo com alguma recuperação na margem, dos mercados de trabalho e de crédito. Nesse contexto, agravado pelo endividamento das famílias, as vendas do comércio ampliado recuaram 2,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando decresceram 1,0%, neste tipo de comparação. Destacaram-se as retrações nas vendas de veículos (9,6%) e de material de construção (3,5%). O volume de serviços não financeiros diminuiu, na margem, 0,9% no trimestre finalizado em novembro, ante -1,0% no encerrado em agosto, segundo dados da PMS do IBGE.

Indicador do endividamento, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência das Famílias Gaúchas (Peic) revelou que os percentuais de famílias endividadas e com contas em atraso aumentou de 59,8% e 21,3%, respectivamente, no terceiro trimestre, para, 68,0% e 28,5%, no quarto trimestre de 2016. Apesar deste ambiente, a confiança dos empresários do comércio melhorou na margem – o Icec, embora persistindo na zona de pessimismo (inferior a 100 pontos), atingiu 95,8 pontos no quarto trimestre do ano, ante 89,8 pontos no terceiro e 77,9 pontos em igual período de 2015.

O mercado de trabalho do estado segue apresentando sinais de estabilização. Nesse contexto, estatísticas do Caged/MT mostram que a economia gaúcha criou 749 postos formais no trimestre encerrado em novembro (redução de 18,9 mil vagas em igual trimestre de 2015), resultado

associado à sazonalidade do período, especialmente nas indústrias de alimentos e bebidas e no comércio varejista, e ao arrefecimento no ritmo de demissões em outros segmentos. Adicionalmente, de acordo com a PNADC do IBGE, a taxa de desocupação atingiu 8,2% no terceiro trimestre, ante 8,7% no anterior, recuo decorrente de crescimento da população ocupada e redução da PEA, com impactos positivos sobre o rendimento médio e a massa salarial.

Nesse cenário, o ICF, divulgado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), manteve-se na zona que denota falta de confiança (abaixo de 100 pontos), mas houve melhora na margem, 63,3 pontos no quarto trimestre, ante 57,0 pontos no trimestre anterior. Esse comportamento foi observado tanto nos consumidores com renda de até dez salários mínimos quanto naqueles com renda superior.

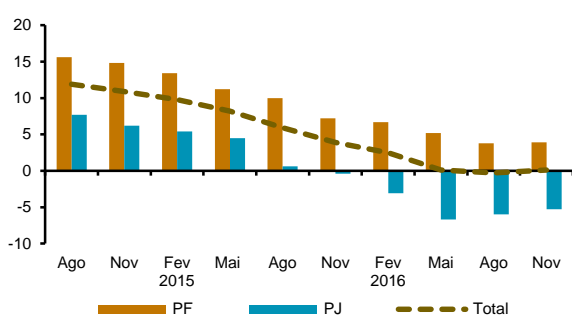
Embora apresentasse reação no trimestre encerrado em novembro, o mercado de crédito segue mostrando pouco dinamismo. As operações de crédito superiores a R\$1 mil aumentaram 1,3% em relação ao trimestre até agosto e 0,1% em doze meses. A evolução trimestral repercutiu aumentos nas carteiras de pessoas físicas (1,9%), com destaque para a modalidade financiamentos rurais, e de pessoas jurídicas (0,4%), sobressaindo as operações com o comércio atacadista, exceto veículos e motocicletas. A inadimplência das operações de crédito variou 0,1 p.p., para 3,4%, no trimestre, reflexo de aumento de 0,3 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e de estabilidade no de físicas.

Os desembolsos com recursos do BNDES recuaram 25,5% nos onze primeiros meses do ano e 27,8% em doze meses até novembro, em relação a iguais períodos de 2015.

A reação do mercado de crédito e as perspectivas otimistas dos empresários da indústria foram insuficientes para impactar o nível da atividade do setor, que segue operando com elevada ociosidade. A produção industrial recuou, na margem, 1,1% no trimestre encerrado em novembro, ante elevação de 1,0% no trimestre finalizado em agosto, conforme a PIM-PF Regional, do IBGE. Note-se que a indústria de transformação vem repercutindo a oscilação na fabricação de veículos automotores,

**Gráfico 5.2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul<sup>1/</sup>**

Varição em 12 meses – %

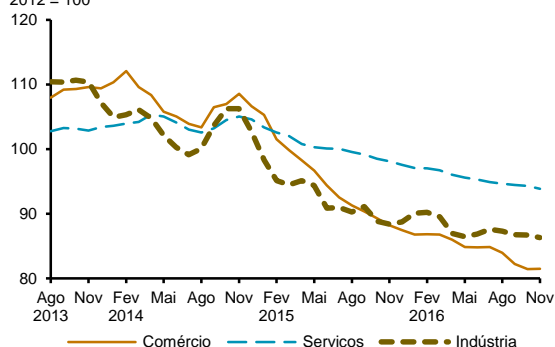


1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Gráfico 5.2.4 – Comércio, serviços e indústria - RS**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2012 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.2.1 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**  
Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2016/2015
		2015	2016	
Grãos	75,7	31 821	31 910	0,3
Soja	47,2	15 700	16 206	3,2
Arroz	18,5	8 679	7 493	-13,7
Milho	6,6	5 564	4 730	-15,0
Trigo	2,1	1 392	2 540	82,5
Feijão	0,7	95	88	-8,0
Outras lavouras				
Fumo	8,9	415	325	-21,6
Mandioca	3,3	1 155	1 108	-4,1
Uva	2,4	876	414	-52,8
Maçã	1,7	599	485	-18,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2016.

**Tabela 5.2.2 – Exportações por principais setores do Rio Grande do Sul: Janeiro-dezembro**

Discriminação	US\$ milhões		
	Valor		Var. %
	2015	2016	
Agricultura e pecuária	4 648	4 075	-12,3
Indústria de transformação <sup>1/</sup>	12 848	12 479	-2,9
Alimentos e bebidas	3 853	3 513	-8,8
Fumo	1 600	1 644	2,8
Produtos químicos	1 835	1 642	-10,5
Veículos	966	1 019	5,5
Calçados e couros	977	979	0,2
Máquinas e equipamentos	867	806	-7,0
Celulose, papel e prod de papel	352	636	80,7
Produtos de metal	392	409	4,3
Borracha e plástico	326	290	-11,0
Móveis	183	179	-2,2
Madeira	139	174	25,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Itens selecionados.

decorrente de paradas e retomadas de produção, com vistas à adequação de estoques. Nesse trimestre, a produção automotiva recuou 10,9% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando havia aumentado 10,1%, neste tipo de comparação. O Ipei diminuiu 0,3 p.p., para 52,5 pontos, no quarto trimestre de 2016, mantendo-se na área que indica otimismo dos empresários industriais (acima dos 50 pontos) – destaque para a evolução do componente que avalia as expectativas para os próximos seis meses.

Ainda no âmbito da oferta, a safra gaúcha de grãos atingiu 31,9 milhões de toneladas em 2016 (17,3% da produção nacional), elevando-se 0,3% no ano, com destaque para o aumento de 3,2% na produção de soja. O VBP real dos principais produtos agrícolas gaúchos deverá diminuir 0,6% em 2016, conforme o Mapa. Para 2017, o IBGE estima aumentos nas produções de culturas importantes no estado, em especial soja, arroz e milho.

O *superavit* da balança comercial do estado aumentou 10,3% em 2016, evolução decorrente de recuos de 17,0% nas importações e de 5,3% nas exportações, associados, em especial, às reduções de 15,8% e 5,8% nos respectivos preços. O desempenho das importações foi condicionado, sobretudo, pelo cenário de depreciação do câmbio e retração da demanda interna, e o das exportações, pela redução de 8,2% nas vendas de soja, principal produto da pauta exportadora.

O IPCA da região metropolitana de Porto Alegre, ratificando o processo de desaceleração dos preços no estado, variou 0,58% no quarto trimestre do ano, ante 1,13% no terceiro. Esta evolução repercutiu, em especial, o recuo de 1,05% nos preços monitorados, que haviam variado 1,82% no trimestre anterior, contrastando com a aceleração, de 0,92% para 1,11%, registrada nos preços livres. A inflação de serviços passou de 1,39% para 1,47% no período, e a inflação subjacente no setor acelerou, de 1,11% para 1,37%. O índice de difusão atingiu 52,2%, ante 51,7% no terceiro trimestre e 59,1% em igual intervalo de 2015.

O IPCA da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) variou 6,95% em 2016, ante 11,21% em 2015, evolução associada a desacelerações nos preços monitorados, de 17,44% para 5,51%, e nos preços livres, de 9,34% para 7,41%. A inflação

**Tabela 5.2.3 – IPCA – RMPA**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2015	2016		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	11,21	1,13	0,58	6,95
Livres	75,7	9,34	0,92	1,11	7,41
Comercializáveis	37,1	9,26	0,54	0,46	7,32
Não comercializáveis	38,6	9,42	1,29	1,74	7,50
Monitorados	24,3	17,44	1,82	-1,05	5,51
Principais itens					
Alimentação	27,0	13,80	0,43	0,67	8,93
Habitação	14,4	18,13	2,20	-2,72	2,38
Artigos de residência	4,6	7,83	0,16	0,52	5,01
Vestuário	6,2	4,03	-0,33	2,69	6,07
Transportes	17,8	11,61	1,35	1,48	5,81
Saúde	11,4	9,14	1,64	1,30	10,65
Despesas pessoais	10,5	8,66	1,61	1,73	7,88
Educação	4,5	8,20	2,58	0,15	10,63
Comunicação	3,6	1,28	0,14	0,18	2,38

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2016

subjacente no setor de serviços atingiu 6,95% no ano (9,34% em 2015).

As perspectivas para a economia gaúcha em 2017 incorporam crescimento modesto do PIB, segundo estimativas da Fiergs, que projeta estabilidade para a produção industrial, contração para o setor de serviços e crescimento da agropecuária. A taxa de desemprego deverá permanecer elevada, sobretudo no primeiro semestre, tendo em vista a defasagem de reação do mercado de trabalho. Adicionalmente, projeta-se, no setor externo, suavização no processo de redução das importações e, no fiscal, a repercussão do baixo nível de atividade sobre as receitas estaduais, que deve impulsionar a renegociação das dívidas refinanciadas pela União. Ressalte-se que este quadro poderá ser mais favorável à medida que os impactos do processo de ajuste em curso no país e da redução nas taxas de juros passem a incentivar efetivamente a atividade econômica.